

O capitalismo num beco sem saída e a era da destruição dos empregos: uma visão marxista

Fred GOLDSTEIN¹

“Os negócios nos EUA visam maximizar o valor para os acionistas. Basicamente, não queremos trabalhadores. Contratamos menos e tentamos encontrar meios de produção para substituí-los.”

Allen Sinai, economista-chefe global da empresa norte-americana de pesquisas Decision Economics

Resumo:

O objetivo deste trabalho é analisar a crise capitalista atual. O ponto de vista de nossa argumentação é do marxismo revolucionário. O marxismo não tem bola de cristal, ou habilidade de profetizar. Ele conta apenas com a teoria científica do materialismo histórico, observa os eventos o mais cuidadosamente possível, e tenta desvelar os processos de desenvolvimento para intervir, com mais eficácia, nesses eventos, em nome da classe trabalhadora e dos oprimidos.

Palavras chave: Crise. Capitalismo. Desemprego

Abstract:

The goal of this study is to analyze the current capitalist crisis. The point of view of our presentation is that of revolutionary Marxism. Marxism has no crystal ball and no ability to proph-ecy. It can only rely on the scientific theory of historical materialism, observe events as carefully as possible, and attempt to uncover developments in order to more effectively intervene in those events on behalf of the working class and the op-pressed.

Keywords: Crise. Capitalism. Unemployment

Submetido: 18/09/2011

Aceito: 10/10/2011

Introdução

As palavras acima, de autoria de um prestigiado e freqüentemente citado analista da economia capitalista, descrevem de forma brutal o processo subjacente do capitalismo de modo geral — não apenas nos EUA, mas como um sistema econômico. Trata-se de um processo que existe desde que o sistema foi criado, há 500 anos.

O proeminente consultor econômico burguês de Wall Street, e também ex-executivo do bando Lehman, é bem conhecido por suas caracterizações afiadas da crise econômica. Ele é o criador da frase “a mãe de todas as recuperações de desempregados”, que se refere à chamada “recuperação” de 2009-2010.

Caso Sinai tivesse seguido o raciocínio implícito no seu comentário acima, ele teria chegado à conclusão de que o capitalismo não tem futuro. É claro que se trata de uma idéia impensável para um especialista econômico, não importa o quanto ela seja perspicaz.

Aquilo que Sinai mencionou tem sido verdade para todo o capitalismo, desde que empregadores começaram a contratar trabalhadores. Neste presente momento, o processo descrito acima chegou ao ponto de deixar o capitalismo num beco sem saída, que é o assunto deste trabalho.

O ponto de vista de nossa argumentação é do marxismo revolucionário. O marxismo não tem bola de cristal, ou habilidade de profetizar. Ele conta apenas com a teoria científica do materialismo histórico, observa os eventos o mais cuidadosamente possível, e tenta desvelar os processos de desenvolvimento para intervir, com mais eficácia, nesses eventos, em nome da classe trabalhadora e dos oprimidos.

Esse é o espírito no qual tentamos caracterizar a crise atual.

A crise econômica, que começou em agosto de 2007, com o colapso da bolha imobiliária nos EUA, e rapidamente se espalhou pelo mundo, foi um marco na história do capitalismo.

Uma crise diferente

É um marco que traz um grande perigo para os trabalhadores e os oprimidos do mundo, mas ao mesmo tempo, carrega também um grande futuro potencial para aqueles com uma perspectiva revolucionária.

Por quê? Porque esta não é apenas uma crise capitalista severa. Não é uma crise que contém, em seu interior, as sementes de sua própria recuperação, como foi a Grande Depressão.

Houve 10 crises econômicas nos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial.

O capitalismo tem sido capaz de sair vitorioso de todas elas, aumentando a produção e os empregos. Ele tem usado todos os tipos de meios artificiais para superar tais crises – militarismo e guerras, expansão imperialista, intervenção financeira estatal, reestruturação tecnológica, proibição de sindicatos, diminuição de salários e assim por diante.

Esta crise é diferente. O sistema de capitalista de exploração de mão-de-obra, um sistema social histórico mundial, dá sinais de que não reviverá.

Os Bancos centrais têm colocado trilhões de dólares no sistema. O U.S. Government Accountability Office - GAO (Tribunal de Contas norte-americano) instaurou uma auditoria no Banco central americano em julho [do ano passado]. Essa auditoria identificou que empréstimos secretos totalizando US\$16 trilhões de dólares foram concedidos, principalmente a bancos americanos, mas também a bancos europeus.¹

Essa quantia é somada ao resgate financeiro de US\$750 bilhões da Administração George Bush e ao pacote de estímulo econômico de US\$750 bilhões do presidente Barack Obama em 2009, ambos de conhecimento público.

Se incluirmos a Europa e o Japão, o valor total injetado no sistema financeiro capitalista mundial é de, provavelmente, no mínimo US\$20 trilhões (no presente

trabalho, 1 trilhão é representado por 1 seguido de 12 zeros e 1 bilhão, 1 seguido de nove zeros – NT: diferentemente do sistema britânico). O Produto Interno Bruto mundial, de acordo com o Banco Mundial, é de US\$ 58 trilhões.² Logo, os bancos centrais despejam no sistema uma quantia que equivale à cerca de um terço do PIB global.

Um novo estágio da crise à frente

Qual foi o resultado? Nos dois primeiros anos, de agosto de 2007 a junho de 2009, os resgates e pacotes de estímulo conseguiram evitar o colapso do sistema. Nos dois anos seguintes, de junho de 2009 até julho de 2011, o sistema permaneceu num impasse. Embora a crise tenha sido temporariamente evitada e o sistema estabilizado, o desemprego permaneceu em níveis de crise e a economia cresceu muito lentamente, em ritmo “anêmico”.

Desde julho de 2011, há indícios do fim da fase de impasses e o sistema caminha em direção a uma crise capitalista renovada. As selvagens bolsas de valores oscilando em torno do destino financeiro da Europa viram manchetes nos jornais. Mas a principal questão do declínio do crescimento não é suficientemente reportada pela mídia.

Por trás da crise da inadimplência da Grécia está o fato de que a economia grega se contraiu em 6 por cento no último trimestre. Toda a zona do euro cresceu 0,2

por cento no mesmo período. A Alemanha, o motor da economia europeia, cresceu 0,1 por cento e a França, zero.

O capitalismo dos EUA cresceu 0,4 por cento no primeiro semestre do ano, mas teve crescimento zero nos empregos no mês de agosto. Ainda há pelo menos 30 milhões de trabalhadores, um quinto da força de trabalho, desempregados ou subempregados. Para cada oferta de emprego, há 5 ou 6 trabalhadores ativamente procurando por trabalho.

O governo dos EUA acabou de anunciar um número recorde de pessoas vivendo atualmente na pobreza. Cerca de 46 milhões de pessoas estão vivendo oficialmente na pobreza nas maiores potências capitalistas do mundo. Ainda assim, os números oficiais são artificialmente baixos em qualquer escala, os números reais são provavelmente o dobro. A pobreza está mais concentrada entre os afro-americanos, latinos e nativos, cujos índices extraordinariamente altos de pobreza vêm crescendo em taxas alarmantes.

Sendo assim, é óbvio que o montante sem precedentes de US\$20 trilhões em intervenção estatal foi incapaz de reviver o sistema. Além disso, a ajuda não conseguiu evitar uma nova recessão, a chamada “recessão dupla” (double dip) (é claro que para os trabalhadores não se trata de recessão dupla — eles nunca se recuperaram. Eles nunca se

recuperaram. Para a classe trabalhadora a situação é quase a mesma, só que pior.)

Os mecanismos de mercado capitalistas certamente não conseguem reviver o sistema. Uma maciça intervenção capitalista estatal não consegue reviver o sistema. E nenhuma reestruturação da economia pode reviver as coisas. Na verdade, a contínua reestruturação global do capitalismo nos últimos 30 anos vem agravando a crise profundamente.

Atingimos um regime de capitalismo de baixos-salários em escala global. Trabalhadores de todos os continentes foram arrastados para uma rede mundial de exploração e superexploração. Os trabalhadores foram colocados em concorrência, uns com os outros, em todo o mundo. Os empregadores estabeleceram uma corrida para o fundo, tão fundo quanto os salários podem ir. Além de causar imensurável sofrimento e insegurança, isso enfraquece ainda mais o mercado das *commodities* produzidas pelos trabalhadores dessa rede mundial.

Desemprego global para os jovens

Um dos sintomas extremos do beco sem saída do capitalismo é o estado de desespero dos jovens de todo o mundo. Havia 81 milhões de jovens entre 15 e 24 anos desempregados no final de 2009, de acordo com um estudo feito pela Organização Internacional do Trabalho das Nações Unidas.³ Nos números oficiais

dos EUA, que são totalmente subestimados, a taxa de desemprego para os jovens é de 20 por cento.⁴

O desemprego entre os jovens é de 50 por cento no Egito e Tunísia, 40 por cento na Espanha e Itália, próximo aos números da África. O desemprego entre os jovens é o mais dramático sinal do declínio da capacidade do capitalismo de absorver a mão-de-obra em nível global. A nova geração de trabalhadores que está tentando entrar na força de trabalho é amplamente deixada de fora. Quando eles chegam a trabalhar, é em troca de baixos salários. O desemprego entre os jovens é a chave para medir a estagnação do sistema em declínio.

Lento crescimento, estagnação e recessão absoluta do capitalismo significam um crescente exército reserva de desempregados. O maior contingente desse exército é formado pelos jovens, que têm menos acesso ao mercado de trabalho.

O Militarismo não é mais um estimulante

A guerra e o militarismo figuram entre os principais estimuladores da economia capitalista nos EUA e na Grã-Bretanha. Washington gastou mais de US\$2 trilhões na guerra do Iraque e uma quantia semelhante na guerra do Afeganistão. Embora os gastos militares sejam cruciais

para a economia dos EUA, eles também não conseguiram reviver o sistema.

A queda nos salários, a maciça intervenção estatal, o militarismo, a guerra e a ocupação foram incapazes de promover uma nova expansão capitalista que fosse forte o suficiente para resgatar a economia capitalista dos EUA do seu atual estado de estagnação, crise e permanente desemprego em massa.

Há grandes diferenças entre as várias crises periódicas que o capitalismo sofreu através de sua história e uma crise na qual o sistema chega a um beco sem saída.

Uma enxurrada de textos e comentários é feita diariamente sobre a atual situação que o mundo capitalista enfrenta. Todos esses autores concordam que esta é a pior crise econômica desde a Grande Depressão da década de 1930.

Para que se esteja preparado para enfrentar o futuro, os verdadeiros líderes e gestores devem ter uma idéia clara da situação. Qual é a natureza da crise? Qual a sua causa? Onde está a crise neste momento? Para onde ela vai e como por ser resolvida?

O que torna esta crise diferente?

Vejamos alguns dos dados mais importantes.

Para fins introdutórios, vale a pena ressaltar que Karl Marx formulou a lei geral da acumulação de capital no Volume I de "O Capital".⁵ A premissa básica da lei era que à medida que o capitalismo se desenvolve tecnologicamente, sua necessidade relativa por mão-de-obra continua a cair. O que Marx chamou de Exército de Reserva (de desempregados) cresce à medida que o capital se torna mais produtivo. Essa era a tendência que Marx enxergou como a queda do capitalismo.⁶

O capital requer cada vez menos trabalhadores para produzir mais e mais bens e serviços em menos tempo. Isso tende a aumentar o desemprego em massa. Somente a enorme e contínua expansão do sistema capitalista pode compensar essa tendência.

Marx mostrou que, de acordo com a mesma lei, o próprio desenvolvimento da produtividade de mão-de-obra se torna, cada vez mais, uma barreira para o crescimento do capitalismo. A crescente produtividade da mão-de-obra chega a um ponto no qual o sistema não consegue superar a superprodução gerada pelas altamente tecnológicas forças produtivas. Conforme Marx ressaltou, a barreira para o capitalismo é o capital.

Além disso, o capitalismo e imperialismo mundiais passaram por um período de 30 ou 40 anos de revolução científico-tecnológica. Os últimos 15 anos

aceleraram essa revolução e levaram a um sistema global de produção altamente eficiente. Os empregadores criaram um sistema global de capitalismo de baixos salários.⁷

É neste estágio que nos encontramos atualmente. O capitalismo, o sistema de lucros, e o sistema de propriedades privadas nos meios de produção tornaram-se uma barreira, uma ameaça mortal, ao futuro desenvolvimento da humanidade e do planeta. Voltaremos a falar sobre isso mais adiante.

Os dados refletem precisamente o funcionamento da lei da acumulação de capital.

Iremos nos concentrar nos EUA porque, com uma economia de US\$14 trilhões, a maior fatia da tecnologia mundial e mais poder militar que todo o resto do mundo junto, eles são o centro do mundo capitalista. Por isso concentram todas as características e contradições do sistema e são o mais forte poder capitalista. Suas vulnerabilidades e tendências refletem as vulnerabilidades e tendências do sistema como um todo.

A recuperação econômica sem criação de empregos: prólogo

Havia sinais iniciais do desenvolvimento da crise. Pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, durante a recuperação da primeira recessão Bush em

1991, houve uma recuperação econômica sem criação de empregos.

Uma recuperação econômica sem criação de empregos significa que a produção capitalista se recupera depois de uma crise, mas a classe trabalhadora não. As condições clássicas para o ciclo de altos e baixos do capitalismo são que depois dos “baixos”, os estoques são vendidos e esgotados lentamente, um novo ciclo de produção se inicia e a expansão capitalista recomeça.

Os empregadores precisam que a mão-de-obra cresça proporcionalmente e os trabalhadores são chamados de volta. Historicamente, tem ocorrido um espaço de 3 a 4 meses depois do início da recuperação até que os empregadores comecem a recontratar, dependendo do tipo de indústria.

Em 1991, houve uma mudança fundamental na natureza do ciclo comercial capitalista. Meses após a recessão de 1991, as empresas não só não estavam contratando durante a ascensão dos negócios, como ainda estavam demitindo. Ao invés de 3 ou 4 meses para a recuperação dos empregos ao seu estágio pré-crise, foram necessários 18 meses. Além disso, o crescimento econômico foi lento e fraco.

O Federal Reserve Bank-FED (Banco Central dos EUA), autoridades financeiras e economistas ficaram alarmadas e

começaram a estudar a questão. Mas suas preocupações se evaporaram com o colapso da URSS e Europa Oriental. O imperialismo dos EUA converteu sua vitória política sobre o socialismo em ganhos econômicos através da rápida expansão global para dentro da antiga URSS, incluindo suas repúblicas, e para a Europa Oriental. Todos os países ex-coloniais que contavam com a URSS para se equilibrar contra o imperialismo, de repente ficaram completamente vulneráveis a invasão intensificada do neoliberalismo.

A classe dominante nos EUA esqueceu sua ansiedade com relação à recuperação econômica sem criação de empregos. O capitalismo dos EUA teve a maior expansão econômica ininterrupta da sua história. Ela teve base no colapso da URSS e no salto tecnológico; ascensão da Internet, computadores, comunicação via satélite, robótica avançada, melhoria dos transportes, portos, etc. Os empregadores e banqueiros usaram essa oportunidade para expandir suas redes globais de exploração para todos os cantos do planeta.

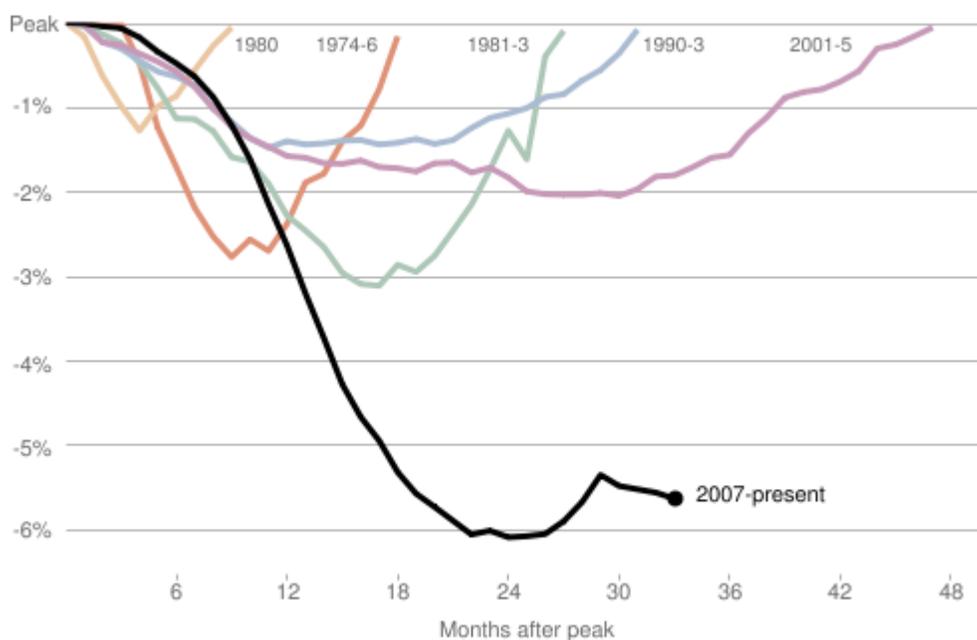
Eles declararam “o fim da história” e fim do ciclo comercial. Capitalismo triunfante e eterno. O Socialismo estava morto e Karl Marx comprovadamente errado.⁸

Então veio a crise. Em 2000-2001, a bolha tecnológica, o chamado *boom.com*, entrou em colapso. As leis do capitalismo

descobertas por Karl Marx voltaram a assombrar a classe dominante. O ciclo comercial do capitalismo voltou com sede de vingança. Centenas de empresas de tecnologia, que haviam sido criadas a cada mês no final da década de 1990, faliram. A superprodução de tecnologia terminou numa baixa capitalista. Embora a crise tenha sido liderada pela tecnologia, a recessão foi geral, afetando a moradia, veículos, eletrônicos, máquinas e ferramentas, e assim por diante.

Mas pior que a recessão, a recuperação econômica sem criação de empregos de

2001-2004 foi muito mais grave que aquela de 1991-1993. Durante os vinte e sete meses até a recuperação, os empregadores dispensaram quase 600.000 trabalhadores. Foram necessários 48 meses para que os empregos voltassem ao nível pré-recessão (gráfico abaixo). Milhões de demissões foram permanentes, ou seja, os empregos estavam sendo eliminados pela tecnologia ou pela deslocalização. Esse foi o caso, principalmente, dos cargos com altos salários. Muitos dos empregos remanescentes eram na área de serviços e tinham baixos salários.



Fonte: Agência de Estatísticas Trabalhistas dos EUA Gráfico por Amanda Cox. -*New York Times*, 3 de junho de 2011

As autoridades financeiras lideradas por Alan Greenspan, presidente da diretoria do Banco Central dos EUA, tomaram

medidas para superar a crise que se desenvolvia, refletida na perigosa

recuperação econômica sem criação de empregos.

A resposta dessas autoridades foi injetar enormes quantias de crédito na economia, o que ia muito além da capacidade de pagamento dos trabalhadores.

Greenspan publicamente aconselhava as pessoas a comprar casas, e conseguir taxas de financiamento ajustáveis – os mesmos financiamentos tóxicos que mais tarde seriam vendidos pelo mundo como títulos securitizados. As taxas de juros sobre o dinheiro emprestado aos bancos pelo governo foram reduzidas de 5,5 para 1 por cento. Era como se o dinheiro fosse dado aos bancos para se emprestar e especular.

As agências reguladoras e as agências de controle de crédito fecharam seus olhos enquanto os bancos e financeiras vendiam financiamentos imobiliários que não podiam ser pagos. Os bancos promoveram um recorde em endividamento com cartões de crédito. As dívidas estudantis dispararam. As empresas automobilísticas promoveram a dívida no setor. Consultores financeiros levavam proprietários de imóveis a refinar suas casas para quitar dívidas, como custos com saúde e mensalidades de faculdade. O endividamento cresceu a ponto de ultrapassar a renda disponível.

Então, para combater a recuperação econômica sem criação de empregos e a superprodução capitalista oriunda da

crise de 200-2001, Wall Street criou a base para uma crise ainda maior. Em agosto de 2007, a bolha imobiliária começou a estourar. As artérias do capital financeiro se fecharam e a crise financeira se espalhou pelo mundo à velocidade da luz.

A crise da superprodução

Quando a fumaça dissipou, foi revelado que por trás da crise financeira estava a clássica crise da superprodução capitalista. O *boom* impulsionado pela bolha imobiliária e o endividamento estava acabado e o “mundo estava inundado de quase tudo: TVs de tela plana, escavadeiras, bonecas Barbie, shoppings e galerias, lojas “Burberry”, escreveu o *Washington Post* em fevereiro de 2009.⁹

A indústria automobilística dos EUA tinha uma capacidade de produção de 18,3 milhões de carros em 2008. Em 2009, eles vislumbravam vender apenas 11 milhões. Em todo o mundo, a capacidade de produção de carros era de 90 milhões, mas somente 66 milhões foram produzidos.¹⁰

Entre 2002 e 2007, houve um aumento de 8,65 milhões de unidades no estoque de imóveis do país. No mesmo período, houve um aumento de apenas 6,7 milhões de novos lares. Considerando as casas de férias, houve uma superprodução de 1,3 milhões de unidades. Essa foi a base para

o colapso do mercado imobiliário e a crise financeira que o seguiu.

Havia vários outros indicadores de superprodução de aço, microchips e outras *commodities* essenciais da economia capitalista. E é claro que a superprodução em indústrias-chave como a imobiliária e a automobilística gerou uma superprodução em todas as indústrias de peças, indústrias de matéria-prima, da construção, etc.

A quantidade tornou-se qualidade

Atualmente o capitalismo dos EUA enfrenta uma recuperação econômica sem criação de empregos que é muito pior que as duas anteriores.

A tecnologia introduzida antes e durante a crise criou uma enorme força contrária ao recomeço do sistema e ao movimento em direção à fase expansionista. Houve um momento de “baixos”, mas sem uma recuperação verdadeira em seguida – um momento de “altos”.

A produtividade, ou a taxa intensificada de exploração da mão-de-obra, é a raiz desse desenvolvimento perigoso, conforme explicou Marx na lei da acumulação de capital.

Em agosto de 2003, no meio da segunda recuperação econômica sem criação de empregos, *The Economist* publicou:

A Agência de Estatísticas Trabalhistas forneceu as últimas evidências do renascimento da produtividade americana: os resultados por trabalhador cresceram em 5,7 por cento no segundo trimestre, no cálculo anual. Mas nos tempos menos exuberantes de hoje [tempos de demissões em massa contínuas – F.G.], os números transmitem a triste possibilidade de crescimento sem criação de empregos.¹¹

De acordo com a Agência de Estatísticas Trabalhistas dos EUA, o trimestre seguinte de 2003 – o terceiro trimestre – viu um aumento de produtividade ainda mais espetacular, de 9,7 por cento.¹²

Três anos mais tarde, em abril de 2006, *Business Week*, que geralmente fala em nome das grandes empresas dos EUA, escreveu sobre “O Caso dos Empregos Desaparecidos:

Desde 2001, com a ajuda dos computadores, avanço nas telecomunicações e operações industriais ainda mais eficientes, a produtividade da manufatura dos EUA, ou seja, o montante de bens e serviços que um trabalhador produz em uma hora, cresceu estonteantes 24 por cento... Em suma: Estamos produzindo mais com menos gente.¹³

Os empregadores não hesitaram nem um pouquinho em apertar mais os trabalhadores para se ter mais produção, enquanto a força de trabalho era encolhida.

A Agência de Estatísticas Trabalhistas dos EUA relatou em 2009 que no terceiro trimestre, o setor não-agrícola cresceu

uma taxa de 9,5 por cento. Na indústria, a produção por hora por trabalhador cresceu 13,6 por cento. Durante esses três meses, a produção cresceu 4 por cento, enquanto as horas trabalhadas diminuíram 5 por cento.¹⁴

Os próprios analistas capitalistas estão descrevendo o processo de como o capital aumenta o exército de reserva de desempregados à medida que os empregadores investem mais em equipamentos de produção. Eles seguem essa lógica até certo ponto e depois desviam completamente da inevitável conclusão: Continue a desenvolver a produtividade por um período suficiente e de maneira suficientemente eficiente que o sistema fará uma parada brusca por causa da superprodução e desemprego em massa.

Neste exato momento, os capitalistas nos EUA, sem incluir os banqueiros, estão sentados em US\$ 2 trilhões em dinheiro que não querem investir. E as massas têm muito pouco dinheiro para gastar. Não há mercado, o que significa que não há lucro.

O Presidente Barack Obama introduziu seus mais recentes US\$447 bilhões para a geração de empregos em 7 de setembro de 2011. Dois dias depois, a manchete principal do *New York Times* era "Empregadores dizem que o Plano de Empregos não estimulará contratações". Todos os empregadores diziam que não iriam contratar porque

não havia demanda, não havia mercado para sustentar contratações adicionais. Mas não há como se ter demanda por produtos se os empregadores não querem contratar.

O sistema se tornou tão produtivo que não consegue produzir. Essa é a contradição final do capitalismo, que Marx traçou científica e logicamente na lei geral da acumulação de capital.

Essa é a lei da dialética que tudo que é levado ao extremo vira seu oposto. O desenvolvimento da produtividade da mão-de-obra é uma das contribuições históricas do capitalismo para a evolução da sociedade do comunismo primário, passando pela escravidão e feudalismo. (a outra é a criação da classe trabalhadora). A burguesia desenvolveu poderes produtivos de mão-de-obra social mesclada com a ciência. O capitalismo liberou a produção desenfreada. Mas com a revolução científico-tecnológica da era digital, ele desenvolveu a produtividade a tal grau que hoje em dia ela é uma produção estranguladora.

O capitalismo está atingindo um ponto no qual assim que ele começa, com uma arrancada de produção expandida, logo ele será sufocado pela superprodução. É por isso que os empregadores estão sentados sobre seu dinheiro – usando-o para especular, emprestar, comprar ações de volta, aumentar dividendos e assim por diante, enquanto 30 milhões ou mais de

trabalhadores nos EUA sofrem com o desemprego e subemprego. Como a definição de “força de trabalho” nos EUA não inclui prisioneiros, os 2,3 milhões de pessoas – em sua maioria, negros e latinos – no sistema prisional não são incluídos nas estatísticas trabalhistas.

Milhões a menos de trabalhadores requisitados pelo capital dos EUA

Consideremos ao longo destas linhas as descobertas de Morton Zuckerman, um bilionário, classificado pela Forbes na posição 147 de homem mais rico dos EUA, com uma fortuna de US\$2,8 bilhões. Ele é incorporador imobiliário e editor do conservador *U.S. News & World Report*. Zuckerman é um conservador pensador da classe dominante, cuja opinião é geralmente consultada por figuras da mídia, da política e de Wall Street.

Num artigo alarmista intitulado “A Grande recessão dos empregos”, Zuckerman apresentou uma pesquisa para mostrar que havia surpreendentes 10 milhões de empregos de carga horária integral a menos na economia de então do que antes do começo da crise.

Não há vida em nosso mercado de trabalho. A recessão terminou oficialmente em junho de 2009, mas a Grande recessão dos empregos continua em seu ritmo. Desde que o governo começou a medir o ciclo de mercado, nunca houve uma recessão tão profunda com níveis tão altos de desemprego e subemprego, seguidos

por crescimento tão anêmico de ofertas de trabalho. Foram perdidos mais empregos na recessão de 2007-2009 do que nas quatro recessões anteriores juntas – e desta vez temos um processo lento e agonizante para substituir tais perdas.¹⁵

Mais importante do que isso, a produção total dos bens e serviços nos EUA, o PIB oficial, recentemente atingiu o patamar de US\$13,8 trilhões, que tinha sido o ponto mais alto antes da crise.

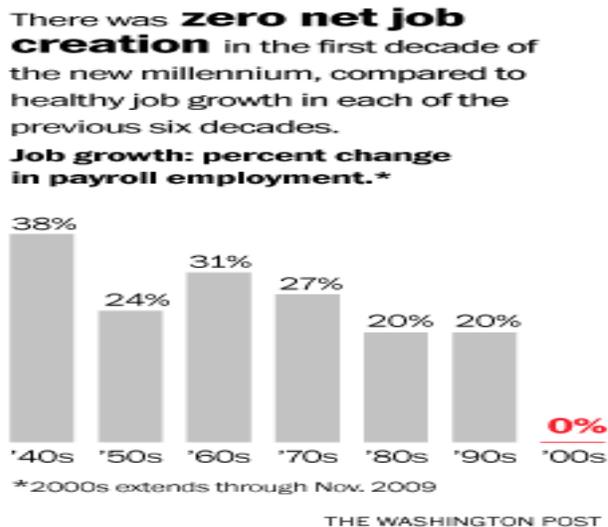
Portanto, a classe capitalista, através da tecnologia e simples aceleração, conseguiu arrancar o mesmo nível de produção dos trabalhadores sem seus 10 milhões de colegas empregados antes da crise.

Um pesquisador autorizado pelo *Economic Policy Institute*, Heidi Shierholz, descobriu o fato de que 18 meses depois da recuperação da recessão de 2000-2001 nos EUA, havia 62,6 milhões de ofertas de trabalho. Nos 18 meses depois da atual “recuperação” (que começou em junho de 2010), havia 51,1 milhões de ofertas de trabalho. Então, a economia capitalista dos EUA tinha 11 milhões a menos de ofertas de emprego que em 2003.¹⁶

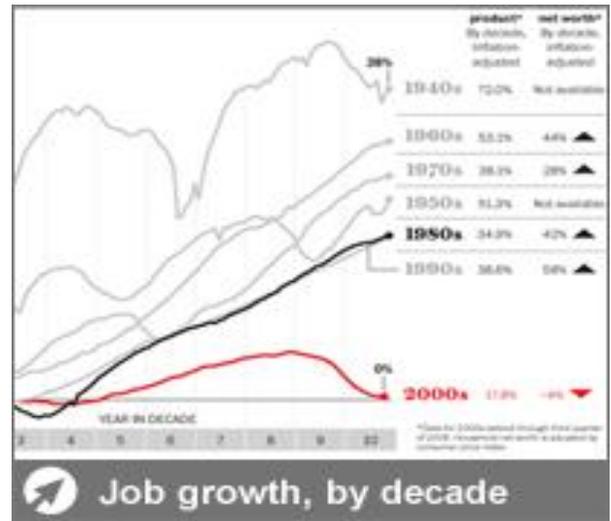
Em outro artigo, Zuckerman escreveu que havia 131 milhões de trabalhadores nas folhas de pagamento atuais, um número mais baixo que aquele no início de 2000, que era ano de recessão.¹⁷ Isso tudo apesar de a população ter crescido em 30 milhões! Onde esses 30 milhões de

trabalhadores foram contabilizados nos números do desemprego?

Crescimento zero de empregos!



Uma representação gráfica da lei geral da acumulação de capital de Marx é mostrada com os números do crescimento dos empregos nos EUA na última década. O *Washington Post* publicou esse gráfico em janeiro de 2010.



O *Post*, que é um dos defensores e apologistas mais determinados do capitalismo, escreveu que a última década foi uma “década perdida” para os trabalhadores americanos:

Houve crescimento líquido zero na criação de empregos desde dezembro de 2009. Nenhuma década anterior, desde a de 1940, teve crescimento inferior a 20 por cento. A produção econômica também cresceu em um ritmo mais lento desde a década de 1930.¹⁸

É incontestavelmente claro com base nesses dados que a capacidade do capitalismo dos EUA de absorver trabalhadores de volta à força de trabalho vem decrescendo dramaticamente nas crises.

Os dados mostram que o colosso capitalista americano, com sua economia de US\$14 trilhões, um fenômeno da tecnologia e superpotência militar, vem descartando trabalhadores aos milhões de modo permanente, seguindo o que Marx escreveu há 150 anos.

A luta pela produtividade da mão-de-obra é ao mesmo tempo a luta para intensificar a taxa de exploração do trabalho. É a luta por lucros, mais valia, mão-de-obra não paga.

Mas o processo da produção capitalista, precisamente por ser um processo de exploração cuja meta é o lucro, contém dois componentes antagônicos, mas inseparáveis, que devem originar extremas contradições e conflitos de classe.

Por um lado, cada capitalista ou agrupamento capitalista quer obter o máximo de mão-de-obra não paga dos seus trabalhadores. Por outro, cada capitalista ou agrupamento capitalista também quer que seus trabalhadores produzam cada vez mais, o que significa pagá-los a menor quantia possível. Cada empregador suga cada minuto de tempo de trabalho não pago de seus trabalhadores para expandir a produção, aumentar participação de mercado e expandir lucros.

Somando os esforços de cada indivíduo capitalista, a classe quer aumentar, de modo coletivo, a produção e os lucros infinitamente. O efeito coletivo dos esforços de cada empresa capitalista em restringir os salários dos seus próprios trabalhadores acaba objetivamente restringindo o poder de consumo da classe trabalhadora como um todo.

Essa contradição é a fonte da superprodução capitalista, da crise econômica e do desemprego em massa numa escala repetitiva, mas constantemente crescente. Não há como o capitalismo fugir dessa contradição.

Crescimento da composição orgânica do capital e desemprego

Marx explicou que à medida que a tecnologia cresce, os custos dos meios de produção ficam cada vez maiores. Esses custos são pagos pelo capitalista para que ele se livre dos trabalhadores e torne os remanescentes mais produtivos. Os meios de produção (capital constante) crescem em relação aos salários (capital variável). Isso é chamado crescimento na composição orgânica do capital.

Vejamos alguns exemplos que estão de acordo com a projeção de Marx para o crescimento da composição orgânica do capital e sua conseqüente redução dos empregos.

Numa pequena cidade de Ohio, a gigante DuPont Corporation está construindo um edifício com materiais solares com 162.000 pés quadrados. Ela custará US\$175 milhões – e adicionará um total de apenas 70 empregos.¹⁹

Em Midland, Michigan, a Hemlock Semiconductor está completando uma edificação de US\$ 1 bilhão para a

produção de silício policristalino, usado como matéria-prima na produção de células fotovoltaicas solares. A edificação criará 300 empregos.²⁰

A Intel está investindo de US\$6 a US\$8 bilhões no processo de produção da sua nova geração de 22 nanômetros. Ela criará de 800 a 1.000 empregos permanentes. Um vice-presidente da Intel comentou que a empresa fabrica aproximadamente 10 bilhões de transistores por segundo.²¹

Esses chocantes exemplos mostram como o enorme custo do capital de alta-tecnologia resulta numa minúscula criação de empregos, não consegue gerar trabalho para os milhões de desempregados e, mais importante ainda, para os milhões de jovens que estão entrando no mercado e nunca tiveram um emprego.

Produtividade, desqualificação e baixos salários andam juntos

É importante dar uma olhada na crescente produtividade da mão-de-obra pelo ponto de vista dos seus efeitos sobre a qualificação e salários dos trabalhadores, principalmente os jovens.

Como a produtividade é alcançada? Em parte refinando-se a divisão da mão-de-obra e, em parte, transferindo-se a qualificação dos trabalhadores para máquinas e softwares.

Deixemos a divisão da mão-de-obra de lado por um instante. A transferência das habilidades para as máquinas e softwares é a realização dos sonhos dos empregadores e pesadelo da classe trabalhadora.

Uma parte integral do desenvolvimento da produtividade da mão-de-obra, a intensificação do ritmo de exploração do trabalho, é a desqualificação da classe trabalhadora. Soldagem, pintura, usinagem, transporte de materiais, registro contábil e contabilidade, cozinha simples, apresentações musicais, cálculos de todos os tipos, operação de painéis elétricos, desenho, impressão, digitação e milhares e milhares de outras qualificações foram eliminadas ou reduzidas a um apertar de botões.

Tarefas mentais e físicas complexas, para as quais foram necessários treinamento e educação foram incorporadas a instruções de computadores para *softwares* de fácil operação ou foram eliminadas através da automação.

A idéia de que o problema dos trabalhadores é de que eles precisam ser treinados para “as habilidades do século 21” só se aplica a uma minoria da classe trabalhadora. Para a maioria, as qualificações do século 21 sob o capitalismo do século 21 são de baixa ou média habilitação, que requerem pouca ou nenhuma educação formal acima do ensino fundamental ou médio.

Mas o preço da mão-de-obra – os salários – inclui os custos de capacitação e educação. Se os empregadores só precisam de mão-de-obra desqualificada ou semi-qualificada, então os salários irão baixar, como eles já o fizeram.

Assim, a produtividade da mão-de-obra gera desemprego em massa, competição entre trabalhadores e baixos salários. Esses baixos salários surgem da desqualificação dos empregos disponíveis, da criação de mais empregos de baixa qualificação e da competição intensificada entre os trabalhadores por menos ofertas de emprego. Essa é a consequência do funcionamento da lei da acumulação de capital.

Há milhões de jovens com diploma de nível superior que não conseguem emprego em suas áreas porque a demanda por qualificação em nível superior está diminuindo à medida que os empregos são desqualificados e o número total de vagas de emprego diminui. Lembre-se que havia 11 milhões de empregos a menos em dezembro de 2010 do que em 2003, durante a recuperação econômica sem criação de empregos.

A maioria das habilidades que eram aprendidas no ensino médio para que se pudesse ingressar no mercado de trabalho praticamente já se foi. Os jovens do ensino médio enfrentam salários de pobreza ou desemprego. O desemprego entre jovens

afro-americanos e latinos está entre 40 e 50 por cento. As prisões estão cheias de jovens que não conseguem sobreviver sob o capitalismo do desemprego.

As instituições educacionais estão sendo fechadas, professores dispensados e escolas privatizadas, porque a classe dominante considera como algo supérfluo a educação para a massa de jovens, principalmente os afro-americanos e latinos. Habilidades e escolaridade são cada vez menos requisitadas pelo capital para suas operações, tanto porque os empregadores estão diminuindo a economia quanto por causa da alta tecnologia.

Uma grande proporção dos jovens não é mais procurada ou requerida no mercado de trabalho. Na crise econômica atual, os empregadores, principalmente os banqueiros, querem colocar as mãos no dinheiro dos impostos usados para a educação e somente criar uma minoria da elite escolarizada para o relativamente pequeno número de empregos de alta qualificação.

O mesmo é verdade para os serviços sociais de um modo geral. A classe capitalista considera a manutenção dos serviços para os trabalhadores e comunidades um gasto desnecessário.

Austeridade; Aprofundando a crise

Isso mostra como as classes dominantes dos EUA, Europa e Japão estão reagindo à crise. A solução dos financistas é impor a austeridade – não austeridade para os milionários e bilionários que ficaram pobres de rico mergulhando nos tesouros públicos –, mas austeridade para os trabalhadores.

A propaganda alarmista sobre os déficits nos EUA e a dívida soberana na Europa nasce da histórica relação entre bancos, financistas e especuladores de um lado e o tesouro nacional capitalista do outro.

A dívida do governo sempre foi fonte de enriquecimento de bancos, desde antes do desenvolvimento do capitalismo. Mas ela se desenvolveu em passos largos uma vez que o capitalismo amadureceu. O interesse em títulos do governo constitui uma estável fonte de renda para os financistas, que ficam muito felizes em emprestar para o governo.

Além disso, ao se transformar o governo em devedor, os financistas estrangulam o Estado, colocando seus representantes nos conselhos internos do governo, ditando regras para presidentes, primeiros-ministros, monarcas e afins. Eles têm um caminho interno em todos os assuntos de finanças.

Os empréstimos do governo são os mais seguros possíveis, exatamente porque eles são segurados pelo Estado capitalista. O Estado não somente tem o poder da

tributação para apoiar os credores, como também têm poder legal e político para dar total prioridade à alocação de sua receita para o pagamento do principal e de juros. De todas as obrigações do governo, pagar os juros das dívidas é sagrado e tem prioridade sobre todos os compromissos.

Que banqueiro ou financista não gostaria de emprestar dinheiro ao governo?

Em tempos de economia normal, os banqueiros e detentores de títulos não se importam com o fluxo sem fim de pagamentos de juros do governo para suas contas. Desde que a receita de tributo flua, o governo é um canal permanente e seguro de centenas de bilhões de dólares anuais para dentro dos cofres dos ricos.

Mas quando a crise econômica chega e a receita do governo cai, esse fluxo seguro de riqueza para os parasitas preguiçosos, que não fazem coisa alguma para a sociedade e sugam as riquezas criadas pelos trabalhadores, é questionado. Eles perguntam: Será que haverá fundos suficientes para pagar os juros sobre a dívida? Será que a alocação de fundos do governo para pagar servidores públicos, manter serviços sociais para a população, proteger o meio ambiente, prover segurança no trabalho e outras funções do estado capitalista vai ficar no caminho dos pagamentos ao capital financeiro?

Os detentores de títulos são pagos em montantes predeterminados. Em tempos de crise econômica, os detentores de títulos do governo querem se certificar de que aquele governo não vai colocar muito dinheiro na economia para os trabalhadores porque eles sabem que os empregadores irão aumentar os preços, caso haja dinheiro disponível para ser absorvido. Isso irá causar inflação, ou desvalorização da moeda, e eles não querem que seus empréstimos sejam pagos em moeda que perdeu parte do seu valor.

Quando há ameaça aos banqueiros edetentores de títulos, de repente, todos os políticos, publicações, e informações na mídia soam o alarme sobre o déficit, dizendo que é hora de “austeridade”. Cada um precisa “viver dentro das suas possibilidades”.

Este é o grito ouvido atualmente de Wall Street a Washington; de Berlim a Paris, Londres, Roma, Madri, Lisboa, Dublin e Ottawa.

Nos EUA, 600.000 de servidores públicos foram demitidos desde 2009. Há uma proposta de demissão de 120.000 funcionários e cerca de 3.000 agências do serviço postal americano, muitos dos quais servem aos pobres na área rural.

Wisconsin, Ohio, Indiana, Arizona, Michigan e muitos outros estados lançaram campanhas para dissolver

sindicatos do setor público, enquanto eles cortam as ajudas financeiras aos pobres, além de cupons de alimentação, atendimento médico, auxílio-calefação, auxílio ao estudante e muitos outros serviços.

A gestão Obama está se preparando para cortar o Medicare, Medicaid (serviços de saúde) e a seguridade Social como parte de um “grande acordo” com os Republicanos. Mas não se trata apenas de um acordo com os Republicanos. É um acordo com os banqueiros e empregadores que querem garantir que sua fatia do tesouro esteja garantida.

A crise na Europa tem o mesmo tom. O governo grego, para conseguir um resgate financeiro dos governos europeus, está propondo demitir 150.000 servidores públicos, um sexto da força de trabalho pública. Houve uma série de greves gerais contra o programa de austeridade.

O governo italiano, a fim de garantir aos mercados financeiros que ela vai continuar adimplente, está propondo mudar a lei trabalhista para permitir que o governo desconsidere contratos trabalhistas, facilitando a demissão de trabalhadores. Ela também vai aumentar os impostos regressivos sobre vendas. Os trabalhadores italianos responderam ao então Primeiro Ministro Berlusconi com uma greve geral.

O governo Cameron na Grã-Bretanha começou a implementar um corte geral de 20 por cento nos gastos do governo em serviços sociais. Este é o maior programa de austeridade na história do país. Houve grandes manifestações contra os cortes e uma greve geral está sendo considerada neste momento (2011).

Nada melhor para ilustrar o caráter irracional do sistema de lucros e a inaptidão da classe capitalista de se livrar da atual crise do que a campanha de austeridade.

Cada banco, fundos hedge, fundos do mercado financeiro e todos os apostadores e especuladores das dívidas do governo revirando os EUA, Europa e o restante do mundo para garantir seus interesses particulares e imediatos. Cada banco ou fundo quer proteção contra a tempestade financeira de inadimplência e falência do governo, que eles temem que está por vir.

O Banco de Compensações Internacionais (BIS) emitiu um relatório em março deste ano revelando alguns fatos por trás do pânico da dívida do governo Europeu.²²

“Risco extremo” de US\$ 2,6 trilhões para os bancos europeus e norte-americanos

O BIS relatou que os bancos da Europa e EUA têm US\$ 2,6 trilhões em “risco extremo”, o que inclui não apenas empréstimos, mas perdas potenciais em

derivativos e garantias de crédito de vários tipos. Isso envolve apenas os riscos que dizem respeito à Grécia, Irlanda, Portugal e Espanha. Os outros riscos não foram incluídos no relatório.

Os bancos alemães têm US\$569 bilhões, os franceses US\$380 bilhões e os britânicos, US\$431 bilhões. Os britânicos têm US\$225 bilhões na Irlanda e US\$152 bilhões na Espanha; a França está “até o pescoço na Grécia, com US\$92 bilhões”; um grupo liderado pela Benelux tem US\$ 180 bilhões na Espanha e os bancos espanhóis têm US\$109 bilhões em Portugal.

O BIS relatou que, no que tange empréstimos em outros países, os bancos e financeiras britânicas lideram com US\$ 5,69 trilhões, seguidos pelos EUA, com US\$2,92 trilhões.

Isso mostra o grau extraordinário em que os banqueiros de qualquer lugar do mundo vivem à custa do tesouro nacional. Isso também mostra o quanto as finanças globais estão emaranhadas. E ainda mostra que apesar do colapso dos *Lehman Brothers* em setembro de 2008, os banqueiros recriaram um castelo de cartas fundado sobre a orgia dos empréstimos e especulação. Como disse Marx, o capital não descansa, ele precisa buscar lucro mesmo sob as mais perigosas circunstâncias.

Na Europa, os bancos alemães e o governo alemão — os mais ricos e poderosos do

continente europeu, seguidos pelos franceses — estão exigindo austeridade do governo grego, assim como dos governos Português, Irlandês e Italiano. A exigência de austeridade levou todos esses países à recessão.

Recessão leva ao corte de serviços e demissão de trabalhadores. Demitir trabalhadores significa cortar receita do governo. Receita mais baixa significa que os governos endividados precisarão de mais empréstimos, com taxas de juros mais altas. Mas foram os empréstimos governamentais que levaram à crise do orçamento, porque a recessão privou os governos de receita.

Então, a demanda pelos banqueiros leva a mais recessão, mais empréstimos e taxas de juros mais altas. Foram esses fatores que levaram à crise inicialmente. Logo, na prática, a luta na Europa pela maneira de impor a austeridade é, de forma objetiva, uma luta por como agravar a crise. Os banqueiros estão promovendo um caminho para a morte.

Todo mundo sabe disso. Não é nenhuma ciência complexa. Mas as propriedades se dividem. O conhecimento do desastre coletivo está subordinado a cada grupo financeiro agindo para promover seus próprios interesses ou minimizar as perdas.

A fim de proteger sua própria prosperidade obscena, os banqueiros

milionários e bilionários querem impor a austeridade mais dura sobre a classe trabalhadora — até o limite de jogá-los para fora de seus empregos, das suas casas e privá-los dos mínimos meios de cuidado e sobrevivência. Mas assim fazendo, a classe dominante está aumentando os riscos ao seu próprio sistema em meio a uma já existente e séria crise. E o risco atualmente é mesmo extremamente alto.

Essa é a medida da irracionalidade do sistema de lucros.

Atendência declinante da taxa de lucro e o longo arco do capitalismo

É perceptível que a maioria dos economistas capitalistas proeminentes esteja em constante estado de tentativa de revisão das suas próprias projeções e estimativas. Eles não entendem seu próprio sistema. Eles não conseguem, porque se conseguissem, seriam levados às conclusões mais desagradáveis.

Conclusões que foram detalhadas por Marx, como resultado das suas pesquisas sobre as leis fundamentais do capitalismo. As conclusões foram revolucionárias, previam a inevitável queda do capitalismo.

A característica mais importante do sistema no qual ele baseou suas conclusões foi a Lei da tendência à queda da taxa de lucro,²³ popularmente

conhecida como tendência declinante da taxa de lucro.

O fundamento dessa lei é que o capital não consegue existir fora da competição. Seja em empresa de pequeno porte ou em monopólios gigantes, cada entidade capitalista está em competição com seus concorrentes. O capital maior mata o capital menor. Se um capitalista tem uma massa de lucro maior, ele pode eliminar seus rivais, seja tirando-os dos negócios ou engolindo-os.

Cada capitalista quer invadir o mercado do rival e aumentar suas vendas. A meta não é apenas aumentar as vendas, mas aumentar o lucro para reinvesti-lo (capital acumulado) e ficar mais forte enquanto capitalista na concorrência geral.

Os monopólios mais fortes como a *AT&T*, *General Motors*, *U.S. Healthcare*, *Fiat*, *Total*, *Sony*, *British Petroleum* e outras estão diariamente engajadas numa concorrência letal com seus rivais.

Nenhum capitalista pode descansar depois que determinado nível de lucro foi alcançado. A acumulação do capital e o esforço por lucros cada vez maiores são inerentes à natureza do capitalismo. Cada capitalista deve desempenhar o papel ditado por essa corrida pela sobrevivência — ou deixar de ser capitalista.

Essa concorrência impulsionou o desenvolvimento capitalista desde seus

estágios iniciais. O mecanismo fundamental que os capitalistas usaram para lutar uns com os outros desde o início foi ter uma vantagem tecnológica sobre seus adversários.

Mas como a produção capitalista também se trata de exploração do trabalho, e envolve tornar a produção mais lucrativa do que a de seus concorrentes, a tecnologia não é apenas uma arma contra os competidores, mas uma arma contra os trabalhadores.

Vencer a competição contra outros capitalistas significa arrancar uma quantidade maior de lucro da sua força de trabalho.

O capitalista que consegue introduzir uma inovação tecnológica — desde o tear mecânico até o robô — imediatamente obtém mais tempo de trabalho não pago de relativamente poucos trabalhadores. Cada trabalhador produz mais em menos tempo e se a empresa capitalista pode vender as *commodities* extras que foram produzidas, ela atinge uma quantidade maior de trabalho não pago, ou mais valia, do que seus concorrentes.

Conforme a tecnologia se desenvolve, ela demanda cada vez menos trabalhadores para operar meios de produção e serviços maiores e mais complexos. A introdução do tear mecânico nos dias da revolução industrial e a introdução da produção robótica na era da revolução científico-

tecnológica aumentaram em muito os custos iniciais da produção.

À medida que a tecnologia e produtividade aumentam, a taxa de lucro diminui, porque novas tecnologias são sempre mais caras. A taxa de lucro é medida com base no lucro total recebido sobre o total de investimentos. O capital constante, os instrumentos de produção e matérias-primas, aumentam e ficam mais caros à medida que ficam mais produtivos.

A meta do capitalista é ter menos trabalhadores, cada vez mais produtivos, e baixar o total da folha de pagamento, mesmo que os trabalhadores remanescentes ganhem salários mais altos.

Como a mão-de-obra cria novos valores, com mais *commodities* sendo produzidas por hora pelos trabalhadores, há cada vez menos superávit de mão-de-obra ou lucro embutido em cada *commodity* individualmente. Para compensar a tendência declinante da taxa de lucro, o capitalista precisa vender um número cada vez maior de *commodities* para conseguir mais lucros com a nova e mais baixa taxa.

Logo, a tecnologia está generalizada pela indústria à medida que os outros capitalistas a introduzem para acompanhar a concorrência. Os capitalistas que foram os primeiros a inovar perdem sua vantagem. Alguns

deles então tentam aperfeiçoar a tecnologia para vencer a concorrência, e o processo de inovação tecnológica recomeça.

Relativamente, menos trabalhadores movimentam meios de produção cada vez mais caros. O exército de reserva (de desempregados) cresce. O poder de consumo das sociedades permanece contraído à medida que mais e mais *commodities* são jogadas no mercado.

A crise da superprodução gera um colapso capitalista. Durante a crise, os fortes devoram os fracos (a centralização do capital). Os vitoriosos adquirem mais capital. E o usam para introduzir melhorias na produtividade, e assim por diante.

Essa é a história do capitalismo. A tendência declinante da taxa do lucro e a tentativa dos capitalistas desde o início dos tempos de superá-la com a introdução de tecnologias que destroem empregos foram responsáveis pelo crescimento histórico da produtividade da mão-de-obra.

A luta para vencer a tendência declinante da taxa de lucro levou a tecnologia e a produtividade da mão-de-obra adiante de maneira infinita. Ela levou o capital às fusões, a realizar ataques de compra dos concorrentes, a levar a concorrência à falência e usar todos os métodos possíveis

para seguir com suas metas predatórias, acumulando mais valia.

Os monopólios capitalistas criaram seus próprios laboratórios de pesquisa, financiaram redes de pesquisa científico-tecnológicas de universidades e receberam verbas do governo para financiar pesquisas de alta-tecnologia no Pentágono. De fato, o capitalismo tem se reorganizado nos últimos 40 anos ao redor da revolução da alta tecnologia.

Os trabalhadores em todas as esferas de produção e serviço viraram vítimas desse processo cruel de aumento da produtividade da mão-de-obra. Exemplos típicos são as caixas registradoras automatizadas do Wal-Mart; as redes sem fio da Verizon, que jogaram dezenas de milhares de trabalhadores de telefonia na rua; a robótica avançada da General Motors, que permitiu a redução da força de trabalho em centenas de milhares.

A Lei da Tendência à Queda da Taxa de Lucro fez um círculo completo. De uma força que impulsionou a produção e o capitalismo a uma força que está sufocando o desenvolvimento capitalista e trazendo novos e mais altos níveis de desemprego à classe trabalhadora.

O Capitalismo cresceu mais que o planeta

Outra medida da profundidade desta crise é que ela vem num momento no qual os

mercados mundiais se expandiram vastamente. Os chamados países BRIC — China, Índia, Brasil e Rússia¹ — têm, sozinhos, uma população combinada de mais de 2,5 bilhões de pessoas. Os países imperialistas, chamados economias centrais — EUA, Europa e Japão — têm tentado intensivamente sair da crise através da exportação, em especial a Alemanha, Japão e EUA.

A General Motors, Ford, IBM, General Electric, Dell, Hewlett-Packard, Volkswagen, Krupp e toda a galáxia de monopólios expandiram sua produção em todos os países BRIC para ficar mais perto de seus mercados. Mas nem as exportações nem os investimentos imperialistas conseguiram tirá-los da crise.

Suas economias são tão produtivas, o capitalismo é tão feroz, e a superprodução é tão alta, que nem mesmo os mercados globalizados expandidos conseguem absorver o que é produzido.

O desemprego mundial está crescendo. A Organização Mundial do Trabalho (OIT) estima que 205 milhões de desempregados no mundo seja um número aproximado do oficial.²⁴ Mesmo esses dados estatísticos imprecisos são provavelmente bem gentis.

¹Os países BRIC estão se desenvolvendo num ritmo diferente dos países imperialistas centrais. Brasil, Rússia, Índia e China estão apenas começando a sentir os efeitos da desaceleração do capitalismo mundial.

Mas além do número total, os estudos da OIT mostram que embora tenha havido um aumento de 27,6 milhões de desempregados depois do *crash* de 2007, o desemprego continuou o mesmo durante o ano de suposta recuperação.

Socialização da produção versus propriedade privada

A maior contradição do capitalismo como um sistema econômico é a contradição entre a produção socializada e a propriedade privada. Por um lado, os empregadores e banqueiros construíram um sistema de produção que organiza os trabalhadores numa escala global em cadeias coordenadas de produção e distribuição. Por outro, a posse de todos os meios de produção e distribuição permanece nas mãos privadas.

Cada produto da mão-de-obra, de uma camiseta a um transatlântico, é um produto da mão-de-obra mundial combinada. Mas todos os meios globais pelo qual os trabalhadores criam a riqueza mundial no capitalismo pertencem aos empregadores.

Uma ilustração de rede global socializada de produção é a rede de computadores da Dell, descrita por Thomas Friedman em seu livro "O mundo é Plano (The World Is Flat)" Essa ilustração é citada no livro "Low-Wage Capitalism", deste autor que vos escreve.²⁵

Friedman pediu aos executivos da Dell para mostrar a ele como seu computador foi criado. Aqui estão algumas partes da resposta:

Depois que seu pedido [de Friedman] foi feito por telefone, ele foi para Penang, Malásia, uma das seis fábricas da Dell no mundo (as outras eram em Limerick, Irlanda; Xiamen, China; Eldorado do Sul, Brasil; Nashville, Tennessee; e Austin, Texas). Em volta de cada fábrica Dell há vários centros fornecedores de peças, chamados Supplier Logistic Centers (SLCs), de propriedade de diferentes fornecedores...²⁶

Não se podia dizer precisamente de onde as peças do computador de Friedman vieram sem desmontá-lo. Mas mesmo o relato das várias possibilidades é revelador.

O processador Intel veio de uma fábrica da Intel localizada nas Filipinas, Costa Rica, Malásia ou China. A memória veio de fábricas de propriedade local na Coreia do Sul, Taiwan, Alemanha ou Japão. O cartão gráfico pode ter vindo de uma fábrica taiwanesa na China, a placa-mãe de uma fábrica coreana em Xangai e os HD de uma fábrica japonesa na Indonésia ou Malásia e assim por diante.

Cada componente, incluindo o modem, a bateria, o monitor, os cabos de força, o cartão de memória, a bolsa, etc. pode ter sido produzido em um dos vários fornecedores da região, incluindo Tailândia, Indonésia, ou Cingapura. A

Dell certifica-se que terá fornecedores ao seu alcance que concorram entre eles e disponibilizem peças o tempo todo. São os fornecedores que devem ter o estoque preparado para atender à Dell e evitar que sua fábrica vá para outro lugar.

A “cadeia de fornecimento” para esse computador, incluindo fornecedores de fornecedores ficou em cerca de 400 empresas da América do Norte, Europa e Ásia, a maioria neste último, com cerca de 30 fornecedores principais.

Esse é o modelo da maioria das empresas transnacionais globais — que difere apenas em alguns detalhes, dependendo do tipo de empresa.

Se a diretoria da Dell decidir que as vendas e lucros estão caindo, eles simplesmente fazem reduções na produção. De uma sala de reuniões em Nova York, parte a ordem que pode arruinar as vidas de trabalhadores em cinco continentes, em diferentes cargos, da produção e montagem ao transporte e trabalho de escritório. Trabalhadores empregados por empreiteiras e suas empreiteiras.

Está se tornando insustentável dispor de forças produtivas mundiais como propriedade privada, cuja meta não é promover sociedades, mas aumentar os lucros dos super-ricos proprietários. Essa contradição está funcionando numa escala nunca vista na história mundial.

O capitalismo transformou os quatro cantos do mundo em sua esfera de exploração e certamente cresceu mais que o planeta. O sistema não está apenas ameaçando a sobrevivência econômica da população mundial, mas também a base física para a vida, a natureza e o meio ambiente.

O novo estágio do imperialismo, a crise e as previsões de luta

Os povos oprimidos do mundo, as regiões colonizadas e escravizadas historicamente pelo colonialismo e imperialismo, vêm sofrendo com os ataques de superexploração nos últimos 500 anos. Eles carregam o fardo do sistema capitalista global em expansão. E muitas de suas riquezas lhes foram roubadas para servir de fundação para o capitalismo.

Vladimir Lênin, o arquiteto da revolução bolchevique de 1917, fez uma importante contribuição ao Marxismo em seu livro “O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo”, escrito em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial.

Lênin descreveu a divisão do globo pelas predatórias “grande” potências, o desenvolvimento do monopólio. Ele previu a fusão do capital financeiro e industrial em capital financeiro e a ascensão e domínio dos bancos. Também enfatizou o crescimento da exportação do

capital e a superexploração das colônias características do imperialismo.

Uma de suas menos conhecidas, mas extremamente importante contribuição, foi explicar como a pilhagem do mundo colonial por parte do imperialismo fornecia os meios para que a classe dominante pudesse jogar migalhas às camadas mais altas da classe trabalhadora, incluindo, em primeiro lugar, as lideranças trabalhistas.

Ele explicou que esses privilégios doados aos “tenentes do trabalho da classe trabalhista” e sua base nas seções mais altas da classe trabalhadora foram fatores-chave no adiamento da revolução proletária na Europa.

Essa discussão de Lênin sobre o efeito do imperialismo na sua própria classe trabalhadora precisa ser vista com novos olhares e atualizada com base nas circunstâncias modificadas.

Citando “Low-Wage Capitalism”:

Na era atual, a revolução científico-tecnológica gerou um desenvolvimento das forças produtivas — na eletrônica, computação, transporte, comunicação, e tecnologia da Internet — que permitiu que os monopólios reorganizassem a produção mundial, trazendo centenas de milhões de trabalhadores de baixos salários para a criação global de produtos e serviços e, assim, guiando a concorrência salarial na classe trabalhadora dos países desenvolvidos...²⁷

“O processo de super-exploração imperialista The process of imperialist super-exploitation livrou-se dos limites geográficos pela revolução científico-tecnológica. Ele pode agora ser realizado sempre arregimentando trabalhadores do globo....”²⁸

Se por um lado a exportação do capital foi usada para promover a camada mais alta da classe trabalhadora nos países imperialistas, suavizar o conflito de classes e promover a estabilidade social, com a nova divisão mundial da mão-de-obra, a exportação do capital está sendo usada para baixar os padrões de vida dos trabalhadores nos países imperialistas, dizimar as camadas mais altas da classe trabalhadora e seções da classe média, e destruir a segurança dos empregos e os benefícios sociais. Isso irá inevitavelmente comprometer as bases da estabilidade social. Irá criar campo para o ressurgimento de guerras de classe na área central dos gigantes exploradores corporativos. Além disso, o processo de expansão da socialização mundial da mão-de-obra e o rápido crescimento da classe trabalhadora internacional estão fazendo com que a solidariedade entre classes de países diferentes contra o imperialismo seja algo essencial.²⁹

Antes da crise econômica de 2007, a maioria da classe trabalhadora nos EUA já havia sofrido três décadas de redução nos seus salários e benefícios. Os trabalhadores travaram uma batalha dura, mas perdida contra a cruel e repressiva campanha anti-trabalho que surgiu na administração Reagan.

Eles lutaram valentemente, mas foram traídos por uma liderança trabalhista conservadora aliada ao Partido Democrata — na verdade, aliada à classe dominante. Essa liderança conduziu uma humilhante retirada que continua até hoje.

Mas as condições da crise ditarão rebeliões. A classe trabalhadora e os jovens na Grécia entraram e greve e militaram contra os planos de austeridade impostos pelos bancos europeus. Os trabalhadores espanhóis fizeram greve e os “indignados” em Madri levaram a greve a um nível mais alto. Trabalhadores portugueses fizeram três greves gerais nos últimos dois anos. Os trabalhadores italianos e britânicos entraram em greve ou protestaram em massa contra a austeridade.

As revoltas na Tunísia e Egito foram conduzidas pelo desemprego e pela pobreza causados pelo capitalismo global. Os estudantes e trabalhadores no Chile desafiaram o regime. As massas hondurenhas estão em estado de resistência contra o golpe apoiado pelos EUA.

Nos EUA, os trabalhadores estão apenas começando a reagir. Em 2006, os trabalhadores imigrantes encenaram aquilo que veio a ser uma greve geral envolvendo milhões para protestar contra a repressiva legislação anti-imigração. A lei foi abandonada. Em 2009, os

trabalhadores ocuparam a fábrica *Republic Windows and Doors*. Foi a primeira ocupação desde a década de 1930.

Os trabalhadores de Wisconsin, aliados aos estudantes, tomaram conta da Assembléia estadual e lá permaneceram por duas semanas no inverno passado para barrar o projeto de lei de dissolução dos sindicatos. Houve até planos de greve geral.

Essa foi a primeira manifestação do tipo feita por sindicalistas dos EUA desde a Segunda Guerra. O Sindicato Internacional Longshore and Warehouse Union (ILWU) organizou uma greve geral de um dia em solidariedade aos trabalhadores de Wisconsin e fechou portos por toda a Costa Oeste dos EUA.

Somente as manobras dos Democratas e das lideranças trabalhistas conseguiram retirar os trabalhadores de Wisconsin da Assembléia e direcioná-los a um movimento de cancelamento eleitoral e impedir que o protesto continuasse.

No estado de Washington, em setembro, os trabalhadores da International Longshore and Warehouse Union bloquearam um trem que carregava grãos para um depósito que não fazia parte do sindicato e furava a greve, e depois entraram no armazém espalhando todo o milho. Todos os portos do estado foram fechados naquele dia.

Esses são pequenos movimentos de resistência de baixo para cima que certamente irão crescer em frequência e intensidade à medida que a crise se agrava e os trabalhadores, comunidades, estudantes e jovens são colocados sob pressão e sofrimento ainda maiores.

Não se pode dizer quando e como os conflitos irão crescer e se espalhar. Mas eles certamente irão.

É extremamente importante entender a natureza profunda da crise atual. Depois de despejar trilhões de dólares para frear a crise, as classes dominantes perderam até mesmo o controle temporário que a intervenção os deu.

Ainda estamos na fase inicial de uma crise histórica. É importante que isso seja reconhecido em nome de todos os que lutam para se livrar do capitalismo. Se podemos prever os turbulentos eventos e grandes pressões que estão por vir, também podemos prever as oportunidades e desafios.

Ser determina consciência, mas não automaticamente e não necessariamente num curto prazo. De fato, a consciência atrás dos acontecimentos, mas ela acaba alcançando-o quando a vida não mais pode prosseguir da mesma maneira.

Precisamos imaginar os trabalhadores dos países imperialistas — principalmente no centro do mundo imperialista, os EUA —

não como eles eram ontem sob as condições de caça às bruxas e reação, não como eles são hoje, nas mãos dos líderes trabalhistas e políticos capitalistas, mas como eles serão amanhã, sob condições completamente transformadas de um real colapso do capitalismo no seu beco sem saída.

Mas a consciência da classe revolucionária e a organização revolucionária, que são igualmente necessárias para que os trabalhadores e oprimidos lutem por sua saída da crise, não surgirão automaticamente. Os revolucionários conscientes da questão das classes, que pretendem ajudar os trabalhadores, precisam desempenhar um papel indispensável no enfrentamento da crise e na preparação para futuros conflitos.

Mais cedo ou mais tarde, o único caminho para a recuperação genuína da atual crise capitalista, a recuperação verdadeira por parte da classe trabalhadora e da vasta maioria da humanidade, será livrar-se do capitalismo como um todo e reorganizar a sociedade de forma socialista, na qual todas as forças de produção e distribuição são operadas visando a necessidade humana, em harmonia com a natureza, não a ganância humana e lucro.

A atual crise confirma a análise e prognóstico de Marx. Nesse sentido, as palavras finais do seu capítulo do Volume I de “O Capital” sobre a “Tendência

Histórica da Acumulação Capitalista” são apropriadas aqui:

Com o número continuamente decrescente de magnatas do capital, que usurpam e monopolizam todas as vantagens deste processo de transformação, cresce a massa da miséria, da opressão, da servidão, da degeneração, da exploração, mas também a revolta da classe operária, sempre a engrossar e instruída, unida e organizada

pelo mecanismo do próprio processo de produção capitalista. O monopólio do capital torna-se um entrave para o modo de produção que com ele e sob ele floresceu. A centralização dos meios de produção e a socialização do trabalho atingem um ponto em que se tornam incompatíveis com o seu invólucro capitalista. Este é rompido. Soa a hora da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados.³⁰

Referências

¹ Posted by KRUGMAN, Paul. **Audit of the Federal Reserve Reveals \$16 Trillion in Secret Bailouts**. July 21, 2011.

² Data from: WORLD BANK. **World Development Indicators**. Last updated July 28, 2011.

³ GLOBAL Youth Unemployment Reaches New High. **New York Times**, Aug. 11, 2010.

⁴ BROWN, Gordon. Give the Kids Jobs. **The Daily Beast**, Sept. 2, 2011.

⁵ MARX, Karl. **Capital, Vol. I, Part VII**. New York: International Publishers, 1967.

⁶ MARX, Karl. **Capital, Vol. I, Part VIII**. New York: International Publishers, 1967. Chapter 32.

⁷ GOLDSTEIN, Fred. **Low-Wage Capitalism**. New York: World View Forum, 2008.

⁸ For a full treatment of this period, see GOLDSTEIN, Fred. **Low-Wage Capitalism**. New York: World View Forum, 2008.

⁹ SHIN, Annys. Economy Strains Under Weight of Unsold Items. **Washington Post**, Feb. 17, 2009.

¹⁰ COY, Peter. What Falling Prices Are Telling Us. **Business Week**, Feb. 4, 2009.

¹¹ QUOTED in Martin Ford: the lights in the tunnel. U.S.: Acculant Publishing, 2009. p. 134.

¹² U.S. BUREAU OF LABOR STATISTICS. **Productivity and Costs: Third Quarter 2009, Preliminary**. Thursday, November 5, 2009.

¹³ HUETHER, David. The Case of the Missing Jobs. **Business Week**, April 3, 2006.

¹⁴ U.S. BUREAU OF LABOR STATISTICS. **Productivity and Costs: Third Quarter 2009, Preliminary**. Thursday, November 5, 2009.

¹⁵ ZUCKERMAN, Morton. The Great Jobs Recession. **U.S. News & World Report**, Feb. 11, 2011.

- ¹⁶ Heidi Shierholz, epi.org, Feb. 8, cited by HERBERT, Bob. Bewitched by the Numbers. **New York Times**, Feb. 4, 2011.
- ¹⁷ ZUCKERMAN, Morton. Why the Jobs Situation Is Worse than It Looks. **U.S. News & World Report**, June 20, 2011.
- ¹⁸ IRWIN, Neil. Aughts were a lost decade for U.S. economy, workers. **Washington Post**, Jan. 2, 2010.
- ¹⁹ SCHNEIDER, Keith. Midwest Emerges as Center for Clean Energy. **New York Times**, Nov. 30, 2010.
- ²⁰ SCHNEIDER, Keith. Midwest Emerges as Center for Clean Energy. **New York Times**, Nov. 30, 2010.
- ²¹ INTEL plans \$8B manufacturing investment. **San Jose Business Journal**, Silicon Valley, Oct. 19, 2010.
- ²² BANKS have 1.6 trillion pounds exposure to ailing quartet of Greece, Ireland, Portugal and Spain. **London Telegraph**, March 14, 2011.
- ²³ MARX, Karl. **Capital, Vol. I, Part VIII**. New York: International Publishers, 1967.
- ²⁴ "World Unemployment Still at Record High Levels, ILO Says. **Rttnews.com**, Jan. 25, 2011.
- ²⁵ GOLDSTEIN, Fred. **Low-Wage Capitalism**. New York: World View Forum, 2008.
- ²⁶ FRIEDMAN, T. L. **The World Is Flat**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2005. p. 516.
- ²⁷ GOLDSTEIN, Fred. **Low-Wage Capitalism**. New York: World View Forum, 2008. p. 57.
- ²⁸ GOLDSTEIN, Fred. **Low-Wage Capitalism**. New York: World View Forum, 2008. p. 55.
- ²⁹ GOLDSTEIN, Fred. **Low-Wage Capitalism**. New York: World View Forum, 2008.. p. 57.
- ³⁰ MARX, Karl. **Capital, Vol. I, Part VIII**. New York: International Publishers, 1967. Chapter 32, p.763.